



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

IMPACTOS DA ATUAÇÃO DA ABEBD ENTRE OS ANOS 1967 E 2000 NA INOVAÇÃO CURRICULAR

Francisco das Chagas de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Apresenta parte de estudo em que se buscou compreender o alcance das ações de política institucional e acadêmica da Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD). Utilizou-se uma abordagem sócio-histórica, sustentada nas teorias: con(figuracional) e construcionista-interacionista. Metodologicamente, a pesquisa responde a uma abordagem qualitativa. Foram colhidos discursos de dirigentes da entidade, tratando-os e analisando-os com o emprego da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Após a análise dos discursos obteve-se um discurso coletivo, que foi interpretado com vistas a chegar-se a um conhecimento das representações dos dirigentes da ABEBD sobre os impactos que a entidade proporcionou ao ambiente e contexto de realização do ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Percebeu-se, ao final, a ocorrência de modificações que contribuíram tanto positiva quanto negativamente para a configuração do currículo desta área.



1 INTRODUÇÃO

Todas as sociedades em todas as épocas vivem uma constante e contínua transformação. Esse processo tendeu a produzir mais impacto nas sociedades do mundo ocidental ou que foram aculturadas por essas nas seis últimas décadas. Ele se estabeleceu em consequência da transferência de notável inteligência humana para a movimentação das peças de máquinas. Assim, máquinas que moviam seus mecanismos e partes por força externa, proporcionalmente ao resultado desejado, hoje dispõem de parte componente interna capaz de movimentar as demais. Foram inseridas dentro de cada máquina peças capazes de, alimentadas por fonte de eletricidade contínua ou acumulada, transmitir instruções e funcionar como centros de comando para a operação das demais. A síntese desse tipo de máquina é o computador ou cérebro eletrônico, cujo centro de comando do conjunto de suas peças é a Unidade Central de Processamento (UCP). Essa unidade é um complexo de componentes capaz de decodificar e tornar funcional as instruções nela depositadas por cadeias de operações lógicas simuladoras do cérebro humano. Há milhões dessas instruções a compor os vários sistemas operacionais e aplicativos ou softwares que são registrados na UCP. Ao mesmo tempo, há um número sempre em expansão de aplicativos que constituem conteúdos. Também há um número que cresce em escala geométrica de bancos e bases de dados e toda a sorte de fluxo de conteúdos.

Compondo uma inovação na sua origem, que já conta com quase duas décadas, em transformação progressiva, há a internet. Ela faz a integração de uma rede mundial de computadores, em que estes se “conversam” através de aplicativos interoperantes, forjados como protocolos garantidores de reconhecimento mútuo de máquinas fixas ou móveis, sejam os próprios computadores, telefones, satélites, etc. A internet, com o recurso de engenharia da comunicação designado pelo termo World Wide Web, configura, em sentido moderno, o ideal de uma grande biblioteca, ilimitada e sem fronteiras lingüísticas, uma vez que disponibiliza como recurso utilizável vários aplicativos de tradução simultânea de texto, através de softwares, como o *babylon*¹, capaz de verter, em linha, qualquer texto para mais de 70 (setenta) idiomas.

¹ Mais detalhes e acesso ao software podem ser obtidos em: <http://portugues.babylon.com/index.html>



Ao mesmo tempo, com a internet, uma antiga modalidade de ensino não presencial mas também iniciada nas primeiras décadas do século XX como ensino por correspondência, e que era realizada por meio do correio postal, veio a se transformar no tão atual ensino a distância, realizado através de plataformas que combinam e-mail, mensagens instantâneas, videoconferências, dentre outros recursos².

Esse conglomerado de possibilidades está distante de se esgotar. Uma das grandes novidades é a possibilidade de multiplicação da autoria textual. Com os aplicativos de edição rápida e disponibilização do conteúdo em linha instantaneamente, através de plataformas de produção de blogs e redes sociais, tornou-se viável que quaisquer idéias sejam lançadas à leitura e debate de quaisquer interessados.

Tudo isso, por estar ao alcance dos estudantes de quaisquer níveis e em quaisquer áreas, vem trazer impactos, isto é, vem trazer novos questionamentos quanto ao alcance a ser dado aos conhecimentos e quanto às formas como esses devem ser ministrados nos cursos de formação de profissionais na universidade. Isso ocorre igualmente no Curso de Biblioteconomia. Contudo, impactos sobre os Cursos de Biblioteconomia, representando a necessidade de produção de inovações pedagógicas, didáticas e de conteúdo não se registram somente nesses últimos anos, pelo simples fato de que todo o descrito até o momento, tem origem em tomadas de decisões econômicas e políticas de expansão de negócios empresariais³. São decisões relacionadas à política empresarial, visando encontrar alternativas de crescimento da economia, de aproveitamento de novos recursos minerais ou de novos recursos sociais. Em várias circunstâncias, determinam estratégias resultantes ou derivadas da percepção de aproveitamento, como subproduto, de respostas construídas para atender demandas que levaram inicialmente ao atendimento de outros objetivos. A internet, por exemplo, teve origem na aplicação de comunicações seguras para dar suporte operacional e estratégico ao setor militar norte-americano (CASTELLS, 2003a; 2003b). Assim, os impactos ou as conseqüências nem sempre foram previstos com antecipação, pois eles simplesmente se manifestam como parte do processo civilizador

² Uma análise mais detalhada sobre as possibilidades que a internet oferece para a inclusão digital, e também social, é feita por Sorj (2003).

³ Dentre um conjunto de matérias que trata sobre esse assunto, destaca-se a título de demonstração, uma que se refere ao movimento em torno da criação e sustentação da União Européia: RUFFIN, François. O peso dos lobbies em Bruxelas. *Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 3, n. 35, p. 30-31, jun. 2010. Disponível também em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=709>. Acesso: 10/07/2010.



humano, se for interpretado o sentido dado a essa idéia por Elias (1993a; 1993b). Esses impactos também são parte da construção social da realidade tomando-se o entendimento de Berger e Luckmann (1985).

Para ordenar, ou ao menos para propor jeitos mais facilmente manejáveis de formular respostas que possam promover mudanças, a sociedade ambienta novas instituições: sindicatos, associações, ordens profissionais, estabelecidas pelos especialistas envolvidos nas tarefas em que põem em prática os saberes que dominam. No caso do campo de ensino de biblioteconomia no Brasil a instituição criada para estabelecer/propor uma estratégia comum ao processo de formação de bibliotecários veio à luz em 1967. Denominou-se Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)⁴. Seus objetivos iniciais ou finalidades são bastante conhecidos de parte dos pesquisadores que atuam em Ciência da Informação⁵. Ela se esforçou em promover o encontro de respostas para reforçar as mudanças que o ensino de Biblioteconomia produziu na sociedade brasileira. Por isso mesmo, gerou também impactos na inovação curricular dessa área. Isso repercutiu nas escolas, nos docentes, no financiamento do ensino e nas próprias decisões tomadas por ocasião das sucessivas edições do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD), quando os

⁴ Mais informações podem ser obtidas no site da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). Disponível em: <http://www.abecin.org.br/>

⁵ No primeiro Estatuto da ABEBD, de 14 de janeiro de 1967, consta em seu artigo dois que ela cumpriria as seguintes finalidades:

- “ a. Congregar o corpo docente das Escolas de Biblioteconomia e Documentação do Brasil, mantendo sua unidade na solução dos seus problemas;
- b. planejar o desenvolvimento da Formação Biblioteconômica;
- c. preconizar medidas que objetivem a formação e aperfeiçoamento do pessoal docente;
- d. patrocinar estudos visando a resolução de problemas econômicos, científicos e técnicos da Biblioteconomia;
- e. apoiar estudos e planos que visem implantar a instituição do regime de tempo integral;
- f. promover o intercâmbio de educadores nacionais e estrangeiros;
- g. defender os interesses das instituições que a integram *sem envolver-se em problemas de ordem política, religiosa ou racial*;
- h. sugerir o estabelecimento de requisitos mínimos do regime de estágio e de bibliotecas laboratório cuja adoção deve ser generalizada;
- i. sugerir medidas tendentes ao aperfeiçoamento da organização administrativa das escolas de Biblioteconomia e Documentação;
- j. sugerir soluções para melhoria das condições de vida do corpo discente, tendo em vista as possibilidades de sua plena formação;
- l. sugerir medidas que visem o aperfeiçoamento dos meios de seleção dos candidatos ao estudo de Biblioteconomia;
- m. sugerir medidas para uma regulamentação uniforme da revalidação de diplomas de Bibliotecários obtidos no exterior;
- n. estimular entre os sócios a elaboração de trabalhos originais tendo em vista o princípio da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa;
- o. outras finalidades que venham a ser apresentadas e referendadas nas reuniões de Assembléia Geral.”



seus participantes deliberavam sobre educação bibliotecária, carreira profissional docente, alunado, etc. Em última instância, essa repercussão implicava em dinamizar, de certa forma, os processos de inclusão social ao dar acesso à formação em Biblioteconomia a um corpo discente, também portador de carências sócio-econômicas⁶. A atuação da ABEBD desde a década de 1960 até os começos do ano 2001, quando foi administrativamente extinta e substituída pela ABECIN, vem sendo objeto de estudo nos últimos anos⁷.

Em relatório de estudo recente, Souza (2008) aborda alguns aspectos desses impactos. Parte de tais aspectos será tratada neste texto, que se apresenta como uma análise ambientada no período correspondente ao primeiro ciclo de existência de entidade associativa que visa integrar escolas e docentes de Biblioteconomia.

Derivado de pesquisa financiada com apoio do CNPq⁸, este texto tem como objetivo expor uma análise de aspectos impactantes da atuação da ABEBD no período de 1967 a 2000, tendo por base o pensamento dos dirigentes da Associação, que a presidiram ao longo dos anos da década de 1990⁹.

Para a produção do estudo, quanto ao seu escopo metodológico, foram utilizados documentos produzidos pela Associação e foram realizadas entrevistas para a recolha de material discursivo, visando construir um *corpus* de análise orientado ao seguinte: a) avaliar as iniciativas realizadas para o aperfeiçoamento do ensino e das condições de ensino de Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 2001; b) analisar os argumentos apresentados na documentação, visando interpretá-los como fundamentos sócio-históricos para a tomada das iniciativas; c) identificar os canais principais para os quais se dirigiam essas iniciativas; d) conhecer as representações dos dirigentes sobre o impacto que a entidade proporcionou na evolução do currículo de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Para a análise dos discursos recolhidos nas entrevistas foi

⁶ Nas recomendações finais de algumas das edições do CBBBD é feita a menção à demanda de mais recursos financeiros para o fortalecimento das escolas de Biblioteconomia. A recomendação de número 34 do primeiro Congresso menciona a “concessão de bolsas de estudos” e a de número 37 fala em “gratuidade absoluta”; a recomendação de número 3 do quinto Congresso menciona que as “direções das Escolas de Biblioteconomia e Documentação [...] aumentem recursos para a concessão de bolsas de estudos” e a de número 6 sugere a implantação de estágios remunerados. (FERREIRA, 1979).

⁷ Souza (2004; 2006; 2008; 2009) tem tratado do tema.

⁸ Pesquisa referente ao Processo nº 473200/2006-6, vigente de outubro de 2006 a setembro de 2008.

⁹ Embora os nomes desses ex-presidentes da ABEBD possam ser encontrados na documentação da entidade, há o compromisso de não expô-los neste texto.



empregada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefevre e Lefevre (2005). Neste texto, se focaliza, especialmente, o tópico “d”, isto é, conhecer as representações sobre o impacto que a entidade proporcionou na inovação curricular. O conjunto dos tópicos abordados foi objeto do relatório de pesquisada enviado ao CNPQ em 2008.

2 A ABEBD E O AMBIENTE POLÍTICO-INSTITUCIONAL QUE A CONTEXTUALIZOU

Uma entidade criada para propor rumos ao processo político de inserção e visibilização social de uma atividade de natureza educacional, científica, técnica e tecnológica, no âmbito da organização do ensino e da produção de conhecimento, disputará a atenção do estado, do governo e da sociedade aberta. Em princípio, essa organização terá uma tarefa em construção contínua de se fazer confiável para todos, incluídos seus associados e o mundo externo. Isso dependerá, sintomaticamente, da confiança que seus associados terão do sucesso que podem alcançar com a sustentação e dinamização da entidade. Do conjunto desses associados sairão os dirigentes e esses terão que conduzir e ser conduzidos por suas deliberações coletivas. Essa tarefa não é simples, dadas as diferenças de entendimento filosófico e político, que se inserem nas diretrizes definidas a serem adotadas e das estratégias para executá-las.

No momento em que a ABEBD foi constituída, o contexto político dominante era de intranquilidade. Na explicitação de suas finalidades já se faziam presentes restrições agudas, como se observa no item “g” do artigo 2º de seu primeiro estatuto. Provavelmente, as ideias eram mais resguardadas e os discursos mais contidos. O esforço era mais direcionado para técnicas, assistencialismo e motivacionismo profissional. Nesse contexto, as resistências a inovações muito amplas tendiam a ser vistas, possivelmente, com desconfiança pelos de dentro da Associação e, muito mais, pelos de fora, dentre esses últimos os que estavam comprometidos com a sustentação da ditadura militar (imposta por Golpe de Estado em março de 1964) em seu início de implantação¹⁰. Isso pode ser percebido nos textos sintéticos das próprias atas constantes do primeiro livro de atas da ABEBD em que constam tais registros¹¹, cujos termos, certamente, não refletem todas as nuances das discussões realizadas pelos membros

¹⁰ Auxilia a composição de um quadro desse momento uma consulta a Galeano (1988); Skidmore (1982) e Versiani; Suzigan (1990).

¹¹ Sabe-se que o segundo livro de atas da ABEBD foi extraviado, o que constitui lamentável perda para o estudo histórico da educação em Biblioteconomia no Brasil.



participantes nas reuniões de diretoria e nas assembléias. Também na documentação expedida pela Associação, que se pode compulsar¹², pode-se perceber o movimento de contenção e o direcionamento para os caminhos tidos, talvez, como menos tortuosos, evitando-se a tendência a gerar descaminhos ou procurando caminhos, aparentemente, mais produtivos ou úteis. Em certas circunstâncias, essa maior produtividade/utilidade pode ter gerado desvios que só se pode perceber com o olhar retrospectivo de hoje¹³. Exemplos disso: a) mudança do nome da Associação em resposta à sugestão de um participante de Assembléia Geral, sem evidência de discussão ampla entre os associados¹⁴; b) hospedagem da ABEBD no IBICT, em 1981, justificada por um elenco de atividades em que a principal subordinava o ensino de Biblioteconomia à área da Ciência da Informação¹⁵, a fim de preparar recursos humanos capacitados para atuar em ICT.

Isso aponta que o ambiente político-institucional funcionava com base em muitas

¹² Em oportunidades e lugares distintos, foi possível o acesso a parte da documentação da ABEBD, correspondente a originais e cópias mantidos sob a guarda de ex-dirigentes da mesma, nas instituições acadêmicas em que atuam. Tal documentação talvez pudesse ser reunida em uma única instituição, como a Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, por exemplo, que é a sucessora do Curso de Biblioteconomia criado na Biblioteca Nacional, o qual completará seu centenário em 2011.

¹³ Atualmente, se percebe que a ênfase em Informação Científica e Técnica (ICT) tornada dominante na formação do Bibliotecário brasileiro, a partir dos anos da década de 1980, enfraqueceu a capacitação de bibliotecários “vencionados” para a atuação em Bibliotecas Públicas e Escolares.

¹⁴ Na 18ª. Assembléia Geral da Associação, realizada no Hotel Del Rey, em Curitiba, iniciada às 14h00min horas do 21/07/1979, com a presença de 14 representantes de Escolas de Biblioteconomia, um desses representantes sugeriu a substituição no nome da instituição permutando o termo “Escolas” pelo termo “Ensino”, sendo aprovada por unanimidade. Esta proposição deu-se num ambiente em que fora discutida e estaria sendo encaminhada a criação na Associação de uma Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa e uma Câmara de Graduação e Extensão, com uma presidente cada uma, designada pelo Presidente da ABEBD.

¹⁵ Transcrição de documento enviado ao Diretor do IBICT pela então Presidente da ABEBD. Com o seguinte teor: Ofício nº 008/ABEBD/81, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1981. Ilmo. Sr. [...] Diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT. “Senhor Diretor, Vimos informar que, conforme entendimentos anteriores, encontra-se sediada no Rio de Janeiro, no Departamento de Ensino e Pesquisa do IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, a ABEBD – Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação – desde o dia 01 de maio de 1981 e até a posse da próxima diretoria a ser eleita durante o XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação – janeiro de 1982 – João Pessoa-Paraíba. As atividades em desenvolvimento na ABEBD e que marcam sua passagem pelo IBICT são: - acompanhamento do processo de reformulação do currículo mínimo de biblioteconomia (SESU/CFE); - publicação do novo Estatuto com o desdobramento em duas Câmaras – Graduação e Pós-Graduação e estruturação das Câmaras (30 IES com graduação – 5 com Pós-Graduação); - **treinamento de professores para implantação do novo currículo mínimo com ênfase na área de Ciência da Informação**; - **programação de reuniões de docentes por área de conhecimento e nas matérias do currículo mínimo proposto para as escolas de graduação da área de biblioteconomia, documentação e ciência da informação**. Sendo estas as atividades programadas, **estamos elaborando projetos de trabalhos a serem desenvolvidos e para os quais contamos com apoio e a colaboração do IBICT/CNPq, certos de estarmos atuando em uma área de interesse prioritário para o DEP/IBICT – a formação de recursos humanos capacitados para atuar em ICT**. Ao ensejo colocamo-nos ao seu inteiro dispor e apresentamos expressões de consideração e apreço. Atenciosamente, [contém assinatura] Presidente”. (Grifo nosso)



premissas orientadoras da modernização autoritária, então vigente, na sequência da presença das Comissões dos vários acordos MEC-USAID, para a área de Educação¹⁶ e para outros campos de interesse do Governo brasileiro. Uma dessas Comissões definiu a reestruturação do CNPq e de alguns de seus institutos, levando à transformação nos anos da década de 1970 do IBBD em IBICT¹⁷. Junto a esta transformação está a recomendação da modificação da formação do bibliotecário brasileiro. Essa intervenção sobre a formação de bibliotecários precede à constituição da ABEBD e no andamento deste estudo não se obteve documentos que assegurem ter sido esse mais um dos motivos para a formação da mesma. Mas também não se tem evidência da ocorrência de conversações e negociações entre o IBBD e a FEBAB sobre essa questão¹⁸. É pertinente considerar que a FEBAB, fundada em 26 de julho de 1959¹⁹, tinha uma atuação ampla e representatividade suficiente para participar desse tipo de interlocução. Na condição de organizadora da categoria bibliotecária então, através do CBBB, promovia extenso debate e deliberava sobre todos os temas de interesse dos bibliotecários então atuantes no

¹⁶ Souza (2009), no livro *O Ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro – século XX*, identifica alguns desses instrumentos, no capítulo 5, p. 82-89.

¹⁷ Em 1966, um grupo de trabalho composto por técnicos e cientistas brasileiros e norte-americanos, com o apoio da USAID e do CNPq, propuseram medidas de inovação no setor informacional visando fortalecer o desenvolvimento industrial brasileiro. Documento publicado pelo CNPq, em 1968, com o título “A pesquisa industrial no Brasil como fator de desenvolvimento”, expõe as seguintes recomendações então feitas:

4.8.1. - Recomenda-se que os centros de informação (inclusive o IBBD) sejam organizados do ponto-de-vista de sua utilização pelo usuário, com o reconhecimento de que o objetivo e o aproveitamento e emprego da informação, ao invés da sua pura e simples catalogação e acumulação. Em consequência, cada entidade necessitará de engenheiros e de outros profissionais, bem como bibliotecários, com suas tarefas disciplinadas pelos usuários, e não pelos documentaristas.

4.8.2. - No setor público, reorganizar o IBBD de tal forma; que ele continue a funcionar sob a jurisdição do CNPq, mas, por exemplo, como fundação, dotado de estrutura e recursos que lhe permitam operar em âmbito nacional, orientando e coordenando uma rede brasileira de informação e documentação. Subsidiariamente, o IBBD terá por obrigação corrigir as deficiências dos serviços de documentação existentes e estimular a criação de novos serviços onde se fizerem necessários. Este ‘status’ deverá assegurar ao IBBD dinamismo e flexibilidade bastante para ele operar de acordo com os padrões de uma ‘documentação agressiva’, suprindo a informação necessária às organizações técnico e científicas, em base prioritária.

4.8.3. - **Modernizar e expandir o preparo de bibliotecários e especialistas em documentação, reformulando os programas de ensino vigentes e estabelecendo um programa de ativo intercâmbio com centros de documentação mais avançados.**

4.8.4. - **Reformular a legislação em vigor (Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, e decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965), no sentido de abolir o privilégio exclusivista, dado aos formados pelos cursos de biblioteconomia, de organizar e administrar serviços de documentação.** (CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS, 1968). (Grifo nosso)

¹⁸ Sintomaticamente, Laura Russo, criadora e por muitos anos a principal dirigente da FEBAB, lança na década de 1970 uma comunicação intitulada: “A morte do IBBD”. Russo (1977).

¹⁹ Informação disponível em: <http://www.febab.org.br/>, na aba “Histórico”. Acesso em: 10/07/2010.



Brasil²⁰. Portanto, não faltavam bibliotecários para ser envolvidos em debate de tal dimensão.

Por esses indicadores, pode-se avaliar que a ABEBD fora criada e atuava em seus primeiros anos em um contexto complexo. Sua atuação teria que ir do mais básico nível de intervenção no sentido de formar uma identidade do docente e pesquisador da Biblioteconomia; amparar a acesso e permanência de estudantes nos Cursos, até acompanhar e se contrapor na medida de suas possibilidades “às inovações” que se avolumavam ou forjavam soluções para o lado mais poderoso da sociedade, isto é, o setor industrial e seus aliados junto ao capital internacional²¹.

3 FUNDAMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

Deixe-se claro, que este estudo tem como um traço de sua fundamentação a teoria de que a realidade é construída socialmente. Essa construção, portanto, dá-se pelo esforço humano segundo o qual as pessoas tentam encontrar respostas coletivamente, através de múltiplas interações entre si. Essas interações são realizadas com base na expressão simbólica possibilitada pelo uso da linguagem, que também é criada no conjunto dessas relações. De outro lado, essa realidade não sendo estática e se formando em longo prazo – com ciclos positivos e ciclos negativos, ou como diria Elias (1993a; 1993b) com figurações que se formam em tempos e espaços distintos – constitui um processo de aperfeiçoamento moral, social e humano possível, que pode ser chamado de processo civilizador, eixo central da teoria Processualista ou Configuracional desse autor. Esse processo compõe um conjunto de saberes práticos, normativos e de referência histórica, ou dito de outro modo, se apresenta como representações construídas socialmente. Pode-se dizer, também, que tal processo está na origem, desenvolvimento e estudo da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2004; ARAYA UMAÑA, 2002; ARRUDA, 2002; GILLY, 2001; JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2000; LOPEZ BELTRAN, 1996; SOUZA, 2008). Assim, não se exagera a dizer que é na relação da individualidade com o coletivo, que se percebe – indivíduos e coletivo – influenciando-se mutuamente.

²⁰ Ferreira (1979).

²¹ Pode ser esclarecedora a leitura, dentre outras, das seguintes fontes: BEISIEGEL (1984); GALEANO (1988); NATAL; CANUTO FILHO (1985); ORTIZ (1994).



3.1 A trajetória de resgate de discursos

O resgate de discursos é uma atividade que ultrapassa a mera tecnicidade. Em si, é um momento particular de produção de conhecimento, especialmente se esse conhecimento diz respeito a um passado mais distante. Neste estudo, busca-se encontrar na memória dos informantes algo que pode ser interpretado como parte de movimento da sociedade. Neste caso, havia um momento inicial em que pessoas participaram de um coletivo docente de Biblioteconomia e se percebe um ambiente ainda politicamente desordenado onde elas interagiram. Elas perceberam a necessidade de constituir um ente para falar em seus nomes, ou seja, responder pelo pensamento coletivo de escolas de Biblioteconomia e professores de Biblioteconomia. No quadro institucional do país esse ente poderia tomar a forma de uma Associação²². Criada essa Associação, ela fará o esforço para juntar os interesses de seus sócios, ao definir os objetivos ou finalidades a serem buscados. Esses objetivos como uma representação social de desejos e interesses expressavam uma aproximação média das vontades, explícitas ou veladas de seus membros. Entre o explícito e o velado, há um trânsito para o aperfeiçoamento ou o “desmonte” dos objetivos expostos. Por isso, sobre os objetivos alcançados, e sustentados, e os objetivos que não foram atingidos ou só o foram parcialmente há lacunas a preencher. De outro lado, pode-se admitir que o alcance ou não de objetivos tem relação com a presença de uma sociedade mais ampla, um coletivo mais extenso, dentro do qual os objetivos da ABEBD ou das escolas e professores de Biblioteconomia disputam suas proposições com outros projetos de poder. Dessa maneira, o sucesso e eventual fracasso, devem ser olhados contra esse cenário e deles devem ser feitas avaliações para decidir pela suspensão do esforço visando alcançá-los ou retomá-los com novas forças.

Olhando-se a partir disso, quais foram as iniciativas que a ABEBD tomou enquanto permaneceu ativa, como entidade a falar em nome das Escolas / Ensino / Professores de Biblioteconomia e quais impactos ela proporcionou no período considerado? Essa foi, em

²² De forma direta, ou não, alguns antecedentes e ou explicações dessa construção podem ser encontrados em: Bandeira (2007); Berlinck (2001); Castro (2000); Fazenda (1985); Moraes (2001); Pintassilgo (2003); Russo (1966; 1977); Souza (2003); Veiga (1982).



síntese, a extensão do questionamento apresentado aos dirigentes que nela atuaram como presidentes nos anos da década de 1990. E daí obteve-se um Discurso Coletivo oriundo da memória desses dirigentes, resultado de três sessões de entrevistas²³ gravadas em equipamento de áudio, cada uma com pouco mais de 60 minutos, realizadas no ano de 2008, na cidade de Porto Alegre (RS) e na cidade de Salvador (BA). Nessas oportunidades, aproveitou-se a participação do entrevistador²⁴ e dos entrevistados em eventos profissionais, educacionais e científicos.

É necessário levar-se em consideração que esses dirigentes, por ocasião dessas entrevistas, falavam de uma situação passada. Eram narradores de eventos vividos. Embora falando com fluência, propriedade e segurança eles estavam situados em contextos novos, estavam construindo socialmente essas falas, estavam resignificando conteúdos enquanto elaboravam as respostas para as questões apresentadas. Em reforço a essa idéia, pode-se buscar um fundamento argumentativo em Georgakopoulo (1997) e Norrick (2000) (*apud* BASTOS, 2008, p. 95). Para esses especialistas em análise de discursos, pode-se compreender:

o relato da narrativa mais como uma construção social do que como uma representação do que aconteceu, no sentido de que construímos as histórias que contamos em função da situação de comunicação (quando, onde e para quem contamos), de filtros afetivos e culturais, e do que estamos fazendo ao contar uma história.

Isso diz respeito ao material coletado, material submetido a um processamento, composto de algumas operações mais técnicas, como a transcrição textual, aparentemente muito objetiva, mas que depende da prontidão auditiva e concentração de quem processa essa transcrição da palavra sonora para a palavra escrita, com vários retornos da gravação para confirmar sons, entonação, suspensões da fala, etc.

3.2 A trajetória de análise de discursos

Depois que os discursos dos dirigentes da ABEBD foram obtidos e sua transcrição foi feita, por meio de digitação ou processamento de texto na segunda coluna do formato denominado Instrumento de Análise do Discurso (IAD), fez-se a análise de todas as

²³ Significativas razões para a escolha e adoção do instrumento entrevista foram embasadas em FLICK (2004).

²⁴ As entrevistas foram conduzidas pelo autor deste texto.



respostas obtidas, questão por questão. Para essa análise, no padrão sugerido pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), se empregam alguns operadores analíticos, os quais gerarão o material necessário para se compor o discurso com as idéias que estão apresentadas no conjunto das falas. Esses operadores são designados como Expressões Chaves (ECHs) e Ideias Centrais (IDs). As Expressões Chaves “são trechos selecionados do material verbal de cada depoimento, que melhor descrevem o seu conteúdo” e as Ideias Centrais “são formulas sintéticas que descrevem o(s) sentido(s) presentes nos depoimentos de cada resposta e também nos conjuntos de respostas de diferentes indivíduos, que apresentam sentido semelhante ou complementar” (LEFEVRE; LEFEVRE, p. 22).

Essas Expressões Chaves podem ser extraídas com a leitura sucessiva das respostas de todos os participantes para a questão inicial, depois para a questão seguinte, até a última. Na etapa seguinte, as Idéias centrais são buscadas nessas Expressões Chaves.

De uma forma mais detalhada, pode-se afirmar que na análise com o emprego da técnica do DSC são realizadas várias ações que, no caso deste estudo, foram as seguintes: 1 – Preparação do Instrumento de Análise do Discurso, apresentando-se como uma planilha com quatro colunas: a primeira para se colocar o código associado a cada entrevistado a fim de singularizar as respostas; a segunda para se transferir os discursos transcritos, processando-os textualmente; a terceira para se anotar as Expressões Chave e a quarta para se anotar as Ideias Centrais; 2 – Transferência do material já digitado, colocando abaixo de cada pergunta, num mesmo bloco, o conjunto das respostas obtidas. 3 – Marcação das respostas colocadas na segunda coluna a fim de destacar as ECHs nelas contidas. Isso foi realizado com a leitura de cada resposta para se extrair dela as Expressões Chaves cujo teor trouxesse a explicitação de potencial resposta para os objetivos da pesquisa. Concomitantemente, fez-se o registro destas ECHs na terceira coluna do IAD; 4 – Em seguida, foi realizada a leitura das ECHs para nelas identificar e depois anotar na coluna quatro do IAD os termos identificados como ICs. Concluídas estas etapas foi feito o agrupamento das ECHs, a partir das ICs que apresentassem semelhanças temáticas a fim de se organizar o Discurso Coletivo de cada questão evidenciado no material analisado; 5 – Fez-se a produção de Discursos Coletivos (DSCs) parciais, de cada questão, como forma de melhor percepção de sua articulação



interna e das representações mais destacáveis; 6 – Como uma etapa final, foram reunidos os DSCs parciais em um DSC geral. De acordo com Lefevre e Lefevre, o DSC, como um discurso síntese é, em si, a reunião das Expressões Chaves presentes nos depoimentos, que trazem Ideias Centrais de sentido semelhante ou complementar. (p. 22)

4 IMPACTOS DA ATUAÇÃO DA ABEBD ENTRE OS ANOS 1967 e 2000: memória de seus dirigentes

Tomando-se o discurso coletivo (DSC) dos dirigentes da ABEBD, obtido ao final da análise, tem-se uma representação dos impactos da atuação da entidade entre 1967 e 2000. Essa representação é muito relevante, pois se oferece como resultado de um esforço de localização de sentido. Expõe uma circunstância relacionada ao que os falantes pretendem estabelecer como significativo em suas narrativas, enquanto responderam ao entrevistador. Esse último foi um interlocutor também situado num contexto de tempo-espaço e portador de uma memória seletiva. Essa convergência desses dois esforços de construção de sentido é irremediavelmente estabelecida. Reúne os narradores, suas memórias, seus contextos, passados e atuais, e o entrevistador. A convergência foi explicada anteriormente, a partir da citação de Georgakopoulou (1997) e Norrick (2000) (*apud* BASTOS, 2008, p. 95). Por essa convergência o analista do discurso busca localizar o sentido que o conjunto do discurso tem entre si e as questões que foram apresentadas (ROCHA; DEUSDARA, 2005). Assim, o DSC expressa esse conjunto de múltiplas interações. Mas aqui, neste texto, não se está dando o DSC tal como foi reconstruído no relatório da pesquisa de onde ele provém. Há uma reconstrução voltada a destacar e tentar identificar fatores que podem ser tomados como impactos expressos no teor daquele discurso coletivo, acrescidos de comentários:

Impacto 1: Coletivismo: A Consolidação de uma visão de coletividade, exposta no discurso coletivo mostra-se como um ponto de inflexão relevante para o desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no Brasil, a partir dos anos 1960. Isso se daria pela superação do individualismo e do isolamento, conforme o DSC obtido: *“A existência da ABEBD foi importante para que as escolas e os educadores se enxergassem um pouco no contexto brasileiro, a partir da nova realidade: uma realidade das escolas e, principalmente, como fórum para aglutinar, socializar as inquietações, preocupações e propostas da área, ser âncora para que essas discussões ocorressem, ser porta voz, ser*



um espaço comum. [...] Em 1967, a criação da ABEBD foi fundamental porque antes eram iniciativas de pessoas. Naquele momento, o professor não tinha vinculação de contrato de trabalho em carreira docente. Não havia Projeto Pedagógico, existia uma idéia de formar o aluno com perfil tal e tal. E era muito difícil e era novo falar de pesquisa na graduação. A intenção era promover e fortalecer a classe, os professores. Na opinião dos entrevistados estava evidente a urgência dessa iniciativa nova, orientada pela ideia de coletivo, com o fim de complementar os meios de atuação da categoria bibliotecária.

Impacto 2: Interdisciplinaridade e parceria: A construção de um currículo inovado para o Curso de Graduação, composto por disciplinas e professores também provenientes de outras áreas e a abertura para a percepção do valor da pesquisa é um caminho que foi sendo construído com a colaboração da ABEBD. O discurso coletivo mostra esse propósito como uma inovação no ensino, um caminho para que se pudesse ministrar o conhecimento da Biblioteconomia com muito mais conteúdos que os centrados nas chamadas técnicas bibliotecárias associadas ao processamento documental. Além disso, enquanto esse currículo ia sendo implantado, surgiram discussões novas sobre a figura do docente e a capacitação didático-pedagógica. O discurso coletivo diz: *“A ABEBD teve um grande envolvimento com a concepção do novo currículo mínimo. Foi a grande idealizadora do movimento de revisão, de reformulação, de um repensar do currículo. No currículo de 1982, houve um primeiro papel da ABEBD e houve uma participação externa, embora nem tudo que está no currículo de 1982 reflita a concepção da ABEBD, ela ofereceu uma contribuição muito grande. O currículo de 1982 promoveu uma pequena diminuição da parte técnica e aí as pessoas começaram a voltar um olhar mais para a área de administração e houve, realmente, uma pequena evolução aí. Ou seja, deu-se a saída da catalogação, da classificação como núcleo central da biblioteconomia. A existência da ABEBD trouxe a vontade de inserção de mais disciplinas no programa, como a Psicologia, a Antropologia e de ser trabalhada a metodologia da pesquisa; a presença de um docente mais qualificado do que somente o profissional bibliotecário. Isso trouxe qualidade ao ensino. Em termos práticos, o resultado, ou resposta aos esforços da ABEBD, foi diferente, em diferentes escolas, pelas suas condições locais, lideranças locais, segundo os processos de acomodação possíveis. No entanto, como parte dessa trajetória, pode-se dizer que nós perdemos, o que no antigo currículo chamávamos de Evolução do Pensamento Filosófico e Científico e se introduziu a Lógica,*



como disciplina instrumental. Foi ótimo a introdução da Lógica, mas não poderíamos ter perdido a disciplina Evolução do Pensamento Filosófico e Científico. Também, pode-se ver que o currículo de 1982 foi aprimorado e implementado por pessoas de fora da área, o de 1962 não fora assim. O currículo de 1982 foi produto de discussão, de movimento dos cursos, com muito mais profundidade. No relatório do ENEBCI de 1986 é onde a gente vai ver porque o tema foi o currículo mínimo. Nesse primeiro Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Documentação, o tema foi pensar o novo currículo. A partir dele, se desdobraram as discussões sobre a figura do docente, a capacitação didático-pedagógica, reforçando a modificação da atuação apenas conteudista.”

Impacto 3: Estudo curricular: A implantação da ideia de estudo curricular como um objetivo relevante para qualificar a formação de bibliotecários fica evidente no DSC pela afirmação: “A ABEBD, fez de 1989 a 1992, estudo curricular”. A entidade buscava afirmar uma autoridade em relação ao objeto de trabalho de seus associados: escolas e professores. Isso, provavelmente, é um impacto que resultou da impossibilidade da Associação responder pelos interesses da pós-graduação e pesquisa em Ciência da Informação. Tais interesses passam a ser representados, a partir de 1989, pela ANCIB – fundada em junho desse ano, após vários esforços da ABEBD, desde os anos da década de 1970, voltados a uma revisão estatutária em que seria criada uma Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa.

Impacto 4: Capacitação docente: A capacitação pedagógica do corpo docente de Biblioteconomia no âmbito nacional se transformou em uma meta. Mais que operações técnicas, os instrumentos da didática e as metodologias e práticas de ensino teriam um lugar na reflexão dos professores de Biblioteconomia. O ensino e a formação exigiam mais que a prática em sala de aula: exigiam discussão e entendimento. No DSC tem-se que: “Em 1991, há o Encontro cujo tema foi a capacitação pedagógica do docente. Nas reuniões da ABEBD, nos eventos, essa questão da capacitação ficou bastante presente. A partir de certo momento, houve um perfil um pouco mais acadêmico, mas é principalmente porque a ABEBD e a ANCIB tiveram um diálogo mais próximo. Além disso, nos seminários didático-pedagógicos, a gente sempre trabalhou procurando melhorar o nosso desempenho, a carreira profissional e a relação com o aluno em sala de aula. Foi feito em 1992 um Encontro Nacional de Ensino, durante 3 dias, discutindo quais as perspectivas para a carga pedagógica do docente, quais as perspectivas que o



docente tinha para se atualizar, como se dava a relação professor e aluno. Também, tínhamos a organização por grupos regionais, com coordenações regionais e todos os grupos passaram a funcionar, a interagir desenvolvendo seminários locais. Nesse período, a gente fez um projeto e conseguiu a primeira etapa do Projeto “Perspectivas para o ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil”. Esse projeto dividia o Brasil nas 5 áreas curriculares da Biblioteconomia e propunha fazer 5 seminários para trabalhar com professores dessas área, em diferentes regiões. O primeiro, foi em novembro de 1993, em Belém, do Pará. Então, foi uma idéia de trabalhar por área curricular, nessas partes do país, já que estatutariamente os ENEBCIs tinham que ser no eixo Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília.”

Impacto 5: Pesquisa: A inserção da pesquisa no ensino de graduação com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aponta para uma clara noção de que ensino expositivo em sala de aula e estágios práticos não eram mais suficientes para formar um bibliotecário para uma sociedade produtora de conhecimento; para uma sociedade que tem o mundo econômico-industrial desenvolvido como competidor ou para atender a uma política nacional implícita de apoio à formação de pessoal para atuar no âmbito da ICT. Ao mesmo tempo em que está evidenciado um impacto sobre a formação do bibliotecário, esse impacto vem em reforço à formação desse para que possa atender, em primeiro lugar, ao crescimento dos negócios empresariais. O aluno da graduação nesse contexto passará a experimentar a construção do conhecimento, a usar a biblioteca também como pesquisador. Ou seja, mais tarde dialogará sobre a construção do conhecimento como um profissional que, em caráter de iniciação científica, fez um aprendizado em como produzir conhecimento em um certo nível. Naturalmente, esse esforço de inserção do TCC nos projetos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia veio como base para dar acesso à formação em pós-graduação ofertada para egressos do Curso a partir da instalação dos Programas, inicialmente, criados como Mestrado em Biblioteconomia, mas sobretudo para manter o professorado em constante aperfeiçoamento com o universo de produção de conhecimento, empregando e formulando teorias e refinando metodologias apropriadas à explicação ou compreensão dos problemas produzidos no fazer bibliotecário. Segundo o discurso obtido: *“O TCC sempre estar(ia) relacionado com a pesquisa, o incentivo para que o professor faça pesquisa, para ele entender como se dá esse processo, se produz o conhecimento, para que haja o incentivo à busca de informação, para que se assimile a*



postura do pesquisador.”

Impacto 6: Internacionalização: A iniciativa da articulação entre as escolas no âmbito do Mercosul, como iniciativa de política acadêmica internacional, teve impacto no ambiente institucional das escolas de Biblioteconomia no Brasil. Esta evidência está expressa nesse discurso e afirma uma ação mobilizadora. Segundo o discurso: *“Nessa década [1990], foi um avanço a companhia que se deu entre as escolas brasileiras e as dos países do Mercosul. Produziu-se um currículo mais debatido, foi satisfatório. Era aquilo que a gente estava pensando. No final dos anos 1990 nós tivemos a definição daquelas quatro grandes áreas que o currículo do Mercosul enfocou: 1 – Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação; 2 – Organização e Tratamento da Informação; 3 – Recursos e Serviços de Informação; 4 – Gestão da Informação. E essa talvez seja a melhor coisa que tenha acontecido nesse currículo, que foi amoldar o pensamento para essas áreas de todos que não tinham um pensamento maior sobre a profissão de bibliotecário, embora tudo tenha caráter muito introdutório.”*

Impacto 7: Interação graduação/pós-graduação: A consolidação da interação da graduação com a pós-graduação surge como a percepção da formulação de resposta à necessidade de instituir uma relação de trabalho entre o ensino da graduação e da pós-graduação. Essa circunstância daria ressonância aos outros impactos, anteriormente destacados. Segundo o discurso: *“Nesse período, a preocupação maior era com a continuidade das ações [...] e mostrar uma interação maior com a pós-graduação era uma estratégia para que nos olhassem, e a partir disso deu para fazer algumas discussões direcionadas para a presença da pesquisa, a importância do projeto de TCC como iniciação científica, o ensino com pesquisa, e isso aí abriu um canal para a interação com a pós-graduação. O esforço foi em manter o que estava consolidado. Manter o Seminário Nacional de Avaliação Curricular; reforçar a regionalização da ABEBD, para democratizar sua atuação; integrar aquelas escolas que tinham pouca ou nenhuma tradição acadêmica. Também se buscou uma mudança no foco. Até então a grande preocupação estava centrada no currículo, e canalizamos a reflexão para duas perguntas básicas: a) Quem somos nós? b) Quem nós pretendemos formar? Se tivéssemos uma reflexão sobre quem nós pretendemos formar, então, o currículo seria um reflexo e não o contrário.”*

Impacto 8: Autonomia acadêmica e missão: A sustentação do foco de atuação da Associação na missão da escola com a autonomia da competência acadêmica também se



apresenta como um impacto. E este foco foi construído a partir de uma perspectiva da atuação pregressa da entidade: *“Nos documentos da ABEED, das gestões anteriores, a gente percebe aquela questão de não idolatrar o mercado. Existe um documento que diz, vamos formar um profissional que possa antecipar o mercado, ir além do mercado, mas, não negar o mercado.”*

Impacto 9: Protagonismo político-acadêmico: O discurso evidencia a idéia de que a Associação assume uma posição muito clara, quando da discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais, no final da década de 1990, referentes ao Curso de Biblioteconomia. Essa discussão tinha como motivação a adaptação da legislação educacional brasileira, em todos os níveis de ensino, aos novos comandos jurídicos instituídos nos dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394) de 1996. Era um momento de construção de novas estratégias para o ensino de bacharelado em Biblioteconomia e uma oportunidade de fortalecer o trabalho de internacionalização realizado no âmbito do Mercosul. De acordo com o discurso: *“O que se vê é que o movimento em torno da elaboração das diretrizes curriculares foi um movimento em que a ABEED teve uma ação política fortíssima e provavelmente foi a primeira vez que a Comunidade docente de Biblioteconomia fez um movimento político, para fazer valer aquilo que ela já havia discutido e acordado. Em 1998 em São Carlos – SP, tivemos um Encontro para discutir o impacto da LDB no currículo.”*

5 CONCLUINDO, COM OUTROS ASPECTOS QUE RESSOAM DA ATUAÇÃO DA ABEED NO PERÍODO

Pode-se considerar que os resultados do estudo do qual deriva este trabalho ainda poderá sustentar novas análises, com outros aspectos a ser explorados, a exemplo da construção das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Biblioteconomia. Igualmente, poderá ser fonte para dar origem a novos estudos, pois, advindo de um pensamento coletivo, que reflete o olhar sobre um coletivo, traz uma narrativa que ressignifica um momento e expõe um entendimento. Mas por ser um entendimento sempre carrega o viés não intencional de um jeito de ver e recordar acontecimentos. Não poderia ser de outro modo, pois se põe como parte material do processo civilizatório ou da construção social da realidade do ensino de Biblioteconomia no Brasil.

Dentre outros aspectos, que podem ser destacados no DSC, e passíveis de ser



aprofundados em novas etapas de estudo, cabe relacionar:

Aspecto 1: **História.** Para o coletivo entrevistado: *“A ABEBD teve algumas fases: de início era o sentido de fortalecer corporativamente a profissão, as escolas, e estabelecer os nossos limites e dar visibilidade. Depois houve maior interação externa, com a pós-graduação, o ensino com pesquisa, já buscar o avanço qualitativo, inclusive a expansão internacional, com o Grupo do Mercosul. A intenção sempre foi mostrar para o docente que a ABEBD estava preocupada com ele e tentar trazer discussões que permitissem a esse docente se ver naquele meio. Percebe-se que houve uma evolução curricular. Olhando para esses dois momentos, percebe-se que a Cléa Dubeux e a Lourdes Gregol foram as presidentes da Associação que encerraram uma época, um ciclo, em que os professores vinham do mercado de trabalho, da prática para a escola, em que a Pós-graduação era muito incipiente. Depois, veio um segundo momento em que a ABEBD aproximou-se mais da academia.”*

Aspecto 2: **Voluntarismo.** A despeito de conquistas que foram alcançadas, e como se constata nas demais entidades do movimento social e sindical brasileiro e da própria área da Biblioteconomia, a ABEBD constituía o ideal de um pequeno grupo de abnegados. Segundo o discurso obtido: *“A ABEBD sempre foi uma associação de docentes; ela transcende a dimensão institucional; é um grupo de pessoas preocupadas com determinadas questões. Ao olhar-se para as atas das reuniões do Conselho Diretor vê-se um grupo que se mantém, independentemente de estar ou não na direção de cursos ou escola. A Associação é movida pelo voluntarismo, a partir da capacidade agregadora de algumas pessoas. De outro lado, não dá para dizer que isso [os resultados obtidos] era realizado como ação planejada, a partir de planos de ação pré-concebidos. O que permitiu que isso [os resultados obtidos] acontecesse foi uma reflexão que permeou a ABEBD por muitos anos, centrada no profissional, sobre qual era o profissional que nós queríamos criar.”*

Aspecto 3: **Conformismo.** Na medida em que há o voluntarismo ou a abnegação de um pequeno grupo, a contraparte é o conformismo ou uma espécie de aceitação relutante. Na ABEBD isso não foi diferente. Segundo o discurso, embora houvesse a conquista de ganhos percebidos pelos entrevistados, sobretudo com a reorientação de conteúdos curriculares, ou abordagens didático-pedagógicas, nem sempre esses ganhos predominavam na compreensão majoritária: *“No grupo [constituído por Escolas e*



professores] já se percebia o outro. Mas não foi a evolução desejada, nem com equilíbrio e nem comunicação entre as áreas, porque elas continuaram isoladas. Parece que há um grande problema, o discurso é pró-mudança, mas a ação é para que continue tudo aquilo que nós sempre fizemos e que acreditávamos que estava bom. Há muita deficiência; muda o rótulo, faz maquiagem, numa situação mais de aparência de que, realmente, de redefinição.”

Aspecto 4: **Distanciamento da realidade.** Se for considerado que o ambiente, a realidade externa ou contexto dariam os fundamentos para a definição de um currículo escolar ou projeto pedagógico e que daí viria também a problematização que suporta o fazer investigativo, restou muito a ser conquistado pelo trabalho da Associação, realizado no período em estudo. De acordo com o discurso: *“Olhando o conteúdo curricular, há um descolamento entre o que é pesquisado, ministrado e a realidade.”*

Aspecto 5: **Conteúdo do ensino.** Com outra dimensão, a contribuição da ABEBD colaborou para a consolidação de um novo viés tecnicista para o ensino de Biblioteconomia. Esse viés não se evidenciava pelos conteúdos de Organização e Tratamento da Informação, mas por uma forte presença de conteúdos da área de Gestão. Talvez não pudesse ser de outro modo, na medida em que quando da criação da Associação já fora dada para a educação bibliotecária brasileira, pela Comissão USAID/CNPq, desde 1965, a orientação de um redirecionamento para a formação de bibliotecários, que apontava para o atendimento do interesse do segmento econômico-industrial. Segundo o discurso: *“A grande área passou a ser a gestão, e há cursos que têm um número significativo de disciplinas na área de gestão. Também se vê que há desequilíbrio entre o volume de conteúdos ministrado na área 1 (Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação) em relação à área 3 (Recursos e Serviços de Informação voltados ao usuário), porque existe um descasamento entre elas. Talvez uma solução seja uma disciplina de usuário.”*

ABSTRACT

Presents part of study which sought to understand the scope of the political and academic actions of the Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação [Brazilian Association of Schools of Librarianship and Documentation] (ABEBD). We used a socio-historical approach, based on the con(figurational) and interactionist-constructionist theories. Methodologically, the research responds to a qualitative approach. Were collected speeches of leaders of the organization, treating them and analyzing them with the use of the technique of the Discurso do Sujeito Coletivo [Collective Subject Discourse] (DSC).



After analyzing the speeches obtained a collective discourse, which was interpreted with a view to arrive at a knowledge of the representations of the leaders on the impacts that the organization has provided the environment and context for the completion of undergraduate courses in librarianship in Brazil. It was perceived in the end, the occurrence of impacts that contributed both positively and negatively to the configuration of this curriculum area.

REFERÊNCIAS

ARAYA UMAÑA, Sandra. **Las representaciones sociales**; ejes teóricos para su discusión. San José: FLACSO, 2002. (Cuaderno de Ciências Sociales, 127)

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ABECIN). Disponível em: <http://www.abecin.org.br/>

BANDEIRA, Suelena P. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF: Briquet de Lemos – Livros, 2007.

BASTOS, L. C. Estórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLiar-CABRAL, L. **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. p. 79-111.

BEISIEGEL, Celso Rui. Educação e sociedade no Brasil após 1930. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1984.t. 3, v.4, p. 381-416.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**; tratado de Sociologia do conhecimento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERLINCK, M. N. Elogio da universidade. In: KANTOR; MACIEL; SIMÕES. **A Escola Livre de Sociologia e Política** – anos de formação 1933-1953 – depoimentos. São Paulo: Escuta, 2001. p. 45-56.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**; reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. 243 p.

CASTELLS, Manuel. **O fim do milênio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003b. 559p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 3 v.).

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993a. 2 v. 307p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro:



Jorge Zahar Ed, 1993b. 1 v. 271p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Educação no Brasil - anos 60**; o pacto do silêncio. São Paulo: Loyola, 1985.126 p.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. **1954-1979: jubileu dos Congressos de Biblioteconomia e Documentação**: temários, autores, trabalhos apresentados, recomendações. Curitiba: 1979.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina**. 26. ed. Trad. Galeno de Freitas. São Paulo: Paz e Terra, 1988.307 p.

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 321-341.

JODELET, D. Representações sociais; um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**; a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro, 2005.

LOPEZ BELTRAN, Fidencio. Representaciones sociales y formacion de profesores. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v. 1, n. 2, p. 391-407, jul./dic. 1996.

MORAES, R. B. de. Da Semana de Arte Moderna à Fundação da Escola Livre: no calor de 1932. In: KANTOR; MACIEL; SIMÕES. **A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953 – depoimentos**. São Paulo: Escuta, 2001. p. 127-133.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**; investigações em Psicologia Social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NATAL, Jorge Luís Alves ; CANUTO FILHO, Otaviano. A entrada do capital estrangeiro na economia brasileira, 1956-83. **Economia Ensaio**, Uberlândia, v.1, n. 2, p. 59-70, mar. 1985.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINTASSILGO, J. Os primórdios do associativismo docente do ensino liceal português (1904-1908) – as representações dos professores sobre a profissão e a construção de identidades. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 2, p. 15-25, jan./dez. 2003.



ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, v. 7, n. 2, jul./dez. 2005. p. 305-322

RUSSO, Laura G. Moreno. **A biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: INL, 1966.

RUSSO, Laura G. Moreno. A morte do IBBD. **Rev. Bras. de Biblioteconom. e Documentação**, v. 9, n. 1/3, p. 82-84, 1977.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco; 1930-1964**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 512 p.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com; a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília, DF, UNESCO, 2003. 176 p.

SOUZA, Francisco das C. de. **O discurso construído no Brasil sobre o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação: processo sócio-histórico e seus desdobramentos, a partir dos documentos da ABEBD**. Florianópolis, 2006. 156 f. (Relatório de Pesquisa).

SOUZA, Francisco das Chagas de. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do curso de biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos** v. 12, n. 2, 2002, p. 230-249.

SOUZA, Francisco das C. de. **O impacto da atuação da ABEBD na evolução do currículo de graduação em Biblioteconomia no Brasil, entre os anos 1967 e 2000**. Florianópolis, 2008. 129 f. (Relatório de Pesquisa).

SOUZA, Francisco das C. de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis: EDUFSC, 2009.

SOUZA, Francisco das C. de. O modelo educacional e seu impacto sobre a dimensão pedagógica da Ciência da Informação. **Em Questão**, UFRGS, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 123-142, jan./jun. 2004.

SOUZA, Francisco das C. de. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.

SOUZA, Francisco das C. de. A teoria das representações sociais na pesquisa educacional. In: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 205-221.

VEIGA, Laura da. Os projetos educativos como projetos de classe: Estado e Universidade no Brasil (1954-1964). **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 25-71, jan. 1982.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

VERSIANI, Flávio R.; SUZIGAN, Wilson. **O processo brasileiro de industrialização: uma visão geral.** Universidade de Brasília – Departamento de Economia, 1990. Disponível em: <http://www.unb.br/face/eco/textos/industrializacao.pdf>. Acesso em 10/07/2010.